



CONFIA 2021

9th INTERNATIONAL
CONFERENCE
ON ILLUSTRATION
& ANIMATION

OCTOBER 28-29
AVEIRO | PORTUGAL



CON FIA 2021

**9th INTERNATIONAL
CONFERENCE
ON ILLUSTRATION
& ANIMATION**

**OCTOBER 28-29
AVEIRO | PORTUGAL**

Publisher / Editor: Instituto Politécnico do Cávado e do Ave
Address / Morada ESD- IPCA: Vila Frescaíinha, S. Martinho,
4750-810 Barcelos, Portugal
October / Outubro 2021
ISBN: 978-989-54939-6-8
9th International Conference on Illustration and Animation
9 ed. Conferência Internacional em Ilustração e Animação
Editorial Design / Design Editorial · Cláudio Ferreira
Pagination / Paginação · Manuel Albino
Image Editing / Edição de Imagem · Beatriz Ribeiro · Maria João Coutinho
Cover Design / Design da Capa · Cátia Vidinhas



Pelos trilhos da ilustração: reinscrever a natureza na cidade

Dulce Melão¹

dulcemelao@esev.ipv.pt

[Illustration / Scientific Illustration]

Keywords

Picturebook; Illustration;
Nature; City;
Sustainable Development

Abstract

This paper aims to shed light on ways of reinscribing nature in the city, through the paths of illustration in the picturebook *Florette*, by Anna Walker, focusing on: i) the dimensions assumed by the city as a multifaceted space seen through the eyes of a child; ii) the role of illustration to enhance the understanding of the plurisignificant nature of interior and exterior spaces and the ways in which rebuilds commitment to the common good. In order to meet these goals, the following will be analysed: i) the role of peritexts to unfold the relevance to care for nature, within the city, and how overflows to the thresholds of the page; ii) the multiple dimensions assumed by the centrality of the illustration to create a synergistic relationship with the narrative, exploring the importance of this relationship for the drawing of a plethora of details that stand out on the page (unveiling the eruption of nature in the city). The conclusions highlight the unique nature of the possibilities inherent in the action of each person for the commitment to the common good, at the heart of the objectives of sustainable development. The challenges that are implicit in it, embodied in the itinerary undertaken by the main character of the picturebook, reveal delicate modes of resilience that thrive throughout the reading and flow into communion with nature.

1. Introdução

O cenário pandémico repercutiu-se, profundamente, no tecido urbano, proporcionando novos modos de repensar a cidade nas suas múltiplas facetas. Os tempos de confinamento geral ou parcial abriram, por um lado, perspetivas amplas sobre modos de nos reposicionarmos no espaço exterior e em casa. Por outro lado, instigaram talvez, possibilidades de reencontro com a necessidade de acolher a cidade enquanto espaço que cuida e exige cuidado, por oposição ao «caos» do quotidiano (ditado pelas exigências de uma sociedade centrada no crescimento de índices de produtividade) – porventura negando a fruição de tempos saborosamente desmedidos.

Quando o ruído da cidade deu lugar ao silêncio que as casas iam contemplando, eclodiram reflexões renovadas sobre os lugares da leitura em tal quotidiano, reverberando, de início, um tempo de ócio inesperado (embora, talvez, inquieto). Em demanda de instantes de concentração antes diluídos na usura de um outro tempo, escutaram-se as suas metamorfoses.

¹ Escola Superior de Educação de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu, CI&DEI, Departamento de Ciências da Linguagem, Viseu, Portugal

Em contexto escolar, permeado, de súbito, pela cultura do ecrã, o livro e as práticas de leitura passaram a gozar de aparente proximidade, sobretudo pela disponibilidade, *online*, de recursos que lhes garantiam maior diversidade de acesso, prestando-se, talvez, a alimentar a imaginação de ávidos leitores.

Nesse sentido, ganham hoje mais centralidade práticas de leitura que retomem o suporte impresso como matéria-prima favorecedora de reflexões sobre modos de estar nos mundos que nos rodeiam em perene transformação, revisitando o tecido urbano que neles se resguarda. Neste entendimento, podem adquirir relevo propostas de releituras que, fomentando exercícios de imaginação, possam renovar a multiplicidade de formas de diálogo entre a cidade e a natureza – e, em tal trilho, reencontrar veios de metamorfoses do olhar que a pandemia acalentou.

Dando voz ao anteriormente referido, a literatura para a infância pode desempenhar um papel fundamental enquanto esteio privilegiado de reflexão sobre os desafios que atravessam a sociedade hodierna, possibilitando, concomitantemente, a fruição de sinergias inusitadas e belas entre texto e ilustração. Tal ganha destaque particular no livro-álbum contemporâneo – exigente na sua hibridez e perpétua transformação – mormente quando reclama a participação ativa dos leitores, relançando-os nas travessias da imaginação.

No âmbito da tela brevemente delineada, propomo-nos lançar mão do livro-álbum *O Jardim*, da autoria de Anna Walker [1], apresentando itinerários de leitura norteados pelos seguintes objetivos: i) refletir sobre as dimensões assumidas pela cidade enquanto espaço multiplicador de desdobramentos de mundos, através do olhar de uma criança; ii) repensar o papel da ilustração enquanto matéria-prima fulcral que pode potenciar a compreensão do carácter plurissignificativo da representação vivaz de espaços interiores e exteriores, regenerando compromissos com o bem comum (no desvelar dos modos como os habitamos); iii) inquirir como tal carácter central veste a leitura de matizes que podem apelar ao seu entrelaçamento com a compreensão, feliz, do possível contributo de cada um para o desenvolvimento sustentável, como condição geradora de futuros.

De modo a cumprir os objetivos anteriormente elencados, procuraremos centrar a nossa atenção: i) no papel dos peritextos para iluminar a compreensão da relevância do respeito pela natureza em distintos matizes, no seio da cidade e nos seus transbordamentos; ii) nas múltiplas dimensões assumidas pela centralidade da ilustração e sua relação com a narrativa, explorando a importância desta relação para o desenho de uma plêiade de pormenores que sobressai na página, mormente no que concerne ao desvelar da eclosão da natureza na cidade, com extraordinária delicadeza.

O enquadramento teórico do artigo repousa: i) no papel desempenhado pela literatura para a infância na Educação [2] [3], enquanto reiterado compromisso de cuidar do Outro, em caminhada solidária; ii) no reconhecimento do livro-álbum contemporâneo enquanto objeto híbrido, cujo carácter camaleónico seduz os leitores, convocando reciprocidades [4] [5]; ii) no entrelaçamento de práticas de leitura entre laçadas com a Educação para os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) [6].

As considerações finais que encerram o artigo ilustram os resultados dos percursos levados a cabo através da análise do livro-álbum selecionado, reverberando a sua condição de objeto estético de profunda delicadeza, generosamente dado a ver aos leitores. Sublinhamos que tal condição favorece o compromisso com um exercício de cidadania pautado pelo objetivo de resguardar a natureza na cidade, em duplo gesto de abrigo, que se nutre da compreensão do respeito pelo desenvolvimento sustentável – em solidário palmilhar de luz e harmonia que reabre outros caminhos.

2. (In)sustentabilidade da leitura e desenvolvimento sustentável

As mudanças que ocorrem, sem interrupções, na sociedade, repercutem-se nos modos como lemos e como encaramos as práticas de leitura. Da relação estabelecida entre leitores, texto e contexto nascem, crescentemente, outras relações plurívocas, com tudo o que nos rodeia, em gestos de solidariedade que as amparam. Nesta sustentabilidade inscreve-se, ao mesmo tempo, a curiosidade de reconhecer novos caminhos que as práticas de leitura alimentam. Estas guardam o rumor, o novo – em navegações nas margens e no centro da página, entre quedas e espantos.

No conhecido romance *O ano da morte de Ricardo Reis* desdobram-se as seguintes palavras: «Um homem deve ler de tudo, um pouco ou o que puder, não se lhe exija mais do que tanto, vista a curteza das vidas e a prolixidade do mundo» [7]. Nesse precário equilíbrio balançam, talvez, as «insustentabilidades» da leitura, perpétua tela de redescoberta em perene movimento que gera alentos. Para além delas, demandamos, neste lugar, outros modos de se instituir como matéria-prima que dá hospitalidade ao desenvolvimento sustentável e possibilita a compreensão de algumas das suas dimensões.

No documento *Educação para os objetivos de desenvolvimento sustentável* é sublinhado que «Embarcar no caminho do desenvolvimento sustentável exigirá uma profunda transformação da forma como pensamos e agimos» [8], sendo crescentemente reconhecida a sua importância. Os desafios que lhe estão subjacentes são amplos, dado requerer uma «(...) pedagogia transformadora orientada para a ação» [9] que possibilite a compreensão do seu carácter multifacetado, em exercícios ativos de cidadania – «As pessoas devem aprender a entender o complexo mundo em que vivem» [10].

No âmbito das distintas competências-chave para a sustentabilidade definidas no documento, destaca-se a competência de autoconhecimento, respeitante à habilidade de refletir «(...) sobre o próprio papel da comunidade local e na sociedade (global); avaliar continuamente e motivar ainda mais as próprias ações; e lidar com os próprios sentimentos e desejos» [11].

Nesta reflexão, tomaremos como tela de indagação dois objetivos de aprendizagem para a consecução dos ODS: i) objetivo 4 – Educação de qualidade, no seio da qual as práticas de leitura se instituem como eixo fundador da compreensão da importância da criação de um mundo «(...) mais sustentável, equitativo e pacífico» [12]; ii) objetivo 11 – Cidades e comunidades sustentáveis, nomeadamente no que concerne aos objetivos de aprendizagem socioemocional e comportamental, implicando o reconhecimento da responsabilidade de cada um, «(...) pelos impactos ambientais

e sociais de seu próprio estilo de vida individual» e pela cocriação de «(...) uma comunidade inclusiva, segura, resiliente e sustentável» [13]. Nas seções seguintes deste artigo fica plasmada tal caminhada de indagação.

3. Deambulações na cidade – *O Jardim*

O livro-álbum *O Jardim* [14], da autoria de Anna Walker, com a chancela da Fábula, encerra um estimulante convite à leitura como promessa de gestos de generosidade que invadem o olhar dos leitores e aí ganham lugar cativo. Após a exigida demora no aparato peritextual do livro, é renovado o convite de envolvimento ativo em tais gestos, numa experiência de leitura que cativa, particularmente, pela delicadeza. A protagonista da história, Ema, lança o fio condutor da narrativa, através do seu olhar belamente perscrutador. Após uma mudança do campo para a cidade, Ema é confrontada com um conjunto de desafios imbricados na ausência do seu jardim. Ao longo do livro, os leitores podem participar ativamente nos itinerários percorridos por Ema, na cidade, no intuito de recuperar tal espaço perdido, bem como tomar ânimo na sua resiliência em prol do compromisso com o germinar da natureza na urbe, em práticas de cuidado que se estendem aos que a rodeiam, assumindo, aos poucos, uma dimensão global.

O caráter irrepreensivelmente belo do livro granjeou-lhe vários prémios: venceu o Wilderness Society Environment Award for Children's Literature, tendo sido nomeado para o Children's Book Council of Australia Picture Book of the Year e Australian Design Association of Pictures.

3.1. Mergulhar na Natureza através dos Peritextos

As opções peritextuais deste livro-álbum instituem-se enquanto elementos de relevo que possibilitam aos leitores mergulhar na natureza, fruindo, de modo intenso, distintas tonalidades de verde que, transbordando de tais elementos, regozijam os sentidos. Atentemos, pois, em primeiro lugar, no formato do livro. Desafogado e amplo convida a reiterado manuseio, em partilha traçada ao encontro de mãos ávidas e curiosas. Em tal demora se inicia a fruição da leitura, configurando uma experiência rara e delicada.

Na capa, a imensidão do jardim instala-se, em pleno, no olhar dos leitores, chamados a percorrer cada recanto, com vagar. O verde exalado pela variedade de plantas pormenorizadamente quietas dita a harmonia de pequenas flores amarelas e vermelhas que, aqui e ali, acenam alegrias.

Em amplo contraste com a pujança exuberante do jardim, destaca-se a figura pequena e delicada de uma menina (acompanhada por um cão), contemplando um pedacinho de uma planta, abrigado na sua mão. Na medida em que o seu olhar parece demorar-se, também, ao título do livro – sobressaindo em maiúsculas – o jardim reclama o estatuto central de espaço que acolhe e apela (a)os sentidos. Esta centralidade contribui, ainda, para a abertura de possibilidades de questionamento sobre as suas características e diversidades, bem como sobre a relevância que adquire no tecido urbano. Concomitantemente, proporciona oportunidade de reflexão mais alargada sobre modos de o fruir e de o cuidar.

Encapsulado em moldura de metal, o jardim prolonga-se na contracapa, porém aí ganhando veios distintos. Na rua onde se ergue, alinham-

-se, com desordenado critério, vasos com plantas cuja diversidade de tamanhos exige atenção dos leitores – em deambulação lenta que encontra guarida no pequeno sapo, no caracol e na joaninha que por ali passeiam.

Na contracapa, destaca-se igualmente a sinopse da obra, plena em desafios e instigadora de inquirições: «Quando a família de Ema se muda do campo para a cidade, a Ema quer muito levar o jardim com ela. Mas não há espaço para jardins nas casas da cidade. Ou haverá?». O contraste esboçado entre o campo e a cidade e o relevo concedido à manutenção do jardim apelam, de imediato, à reflexão sobre os espaços em que convivemos, aliados a modos de estar no mundo. Tais modos de estar são revisitados, de forma multifacetada, em outros elementos peritextuais, seguidamente alvo de atenção.

As guardas finais e iniciais do livro e a dedicatória aliam-se na reinvenção da delicadeza do verde, cativando os leitores e renovando o convite à redescoberta da natureza. Embora com nuances distintas, as guardas iniciais e finais apelam fortemente a uma experiência sensorial plasmada na folha e multiplicada, vezes sem conta, no tatear da miríade de folhas verdes que ganham uma proximidade imensa com os leitores. No deleite dos sentidos que generosamente lhes é oferecido, a sua curiosidade é, porventura, mais aguçada, pelos numerosos detalhes que, com particular cuidado, aí se inserem: i) duas pequenas borboletas amarelas esvoaçando alegremente; ii) dois minúsculos cogumelos vermelhos, sobressaindo no verde; iii) um coelho saltitante e outro, mais observador, abrigando-se entre as folhas; iv) uma joaninha; v) um passarinho; vi) pequenas flores que instalam pequenos apontamentos de cor, contrastando com o manto verde que as acolhe; vii) um pequeno caracol; viii) um esquilo. No elencar de tais pormenores, avista-se a delicada opulência da natureza e renova-se o convite a repensar pequenas coisas – e, importa recordar, «As pequenas coisas são tesouros» [15]. Comprovam-no, igualmente, as guardas finais do livro, onde os leitores (se) reencontram (n) o amplo manto verde que, de início, os abrigara. Se o gesto de repetição pode ser saboroso quando replica emoções felizes, esta opção reveste-se de sentidos inacabados de relevo. A permanente metamorfose que a natureza generosamente oferece está, pois, reinscrita, de modo belo, no possível desfecho do livro, nas transparências que guardas finais recolhem. Em tal lugar, o olhar dos leitores é chamado a percorrer, com avidez e demora, o amplo pedaço do renovado jardim. Desta feita, cinco pequenos sapos sorriem-lhe, pousando na folhagem que acolhe, também, seis passarinhos e uma tartaruga, em passeio breve. O caracol parece ter seguido outros itinerários; o esquilo, porventura, distintas paragens. Reabrem-se, pois, portos de abrigo da imaginação. O convite ao reconhecimento das diferenças plasmadas nas guardas iniciais e finais do livro revela-se um presente inesperado.

A participação dos leitores em movimentos de releitura proporcionados pelo folhear, entre o verde das folhas, da luz que emana da natureza, fomenta gestos de empatia gentilmente reforçados pelo instigar da redescoberta do espaço ilimitado do limiar da página. Recordemos Manoel de Barros: «Poeta / é uma pessoa/ que reverdece nele mesmo» [16].

A delicadeza dos elementos peritextuais revela, a par e passo, texturas que ficam impressas no olhar e se vão prendendo às mãos dos leitores. Tal reverbera, também, na dedicatória deste livro. A sua singela beleza – «Para Wendy Ann, com amor» – convida à demora, dada a tão pequena quanto imensa ilustração que com ela dialoga. A opção pelo pormenor ganha centralidade na alvura da página. No seu canto superior esquerdo, pousa um breve e esplêndido retrato de uma pequena casa, algures no campo, rodeada de árvores onde alguns passarinhos encontram lar e flores germinam, alegres. A observação do pequeno pássaro que parece ocupado em amena conversa com um caracol fomenta a empatia com os leitores. Aqui mora, também, a poesia. Como refere Octávio Paz «(...) há poesia sem poemas; paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesia sem ser poemas» [17].

3.2. Redesenhar a Cidade e o Cuidar pelos Trilhos da Ilustração

O início da narrativa dita a caminhada da leitura: «Quando a família de Ema se mudou para a cidade, a Ema queria levar consigo o seu jardim» [18]. Se a relação afetiva com o espaço que reclama como seu fica perfeitamente delineada, é na luminosa ilustração que ganha forte alento. A representação do núcleo familiar é disso elucidativo exemplo: o pai caminha, decidido, em primeiro lugar, transportando caixas; a mãe segue-o, com a filha mais nova ao colo (ao mesmo tempo que lança um olhar protetor à filha mais velha).

Ganhando destaque na moldura branca da página que a economia da componente verbal acentua, Ema vai ao encontro dos leitores, cabisbaixa, com uma flor murcha na mão e um pequeno pato a espreitar da sua mochila. Um cão espelha o desalento da dona, em doce reciprocidade.

A narrativa constrói-se em movimentos lentos, delineados em espaços onde ecoa o ruído da ausência da natureza. O primeiro retrato da cidade – com prédios altos, amontoando-se em idêntica aparência – vinca o rumor do vazio, no olhar de Ema, sendo frisado que «(...) não havia espaço, no meio daqueles prédios todos, para macieiras e narcisos» [19] que pudessem ser plantados num jardim.

Ao longo da narrativa, as saudades que Ema sente são partilhadas com os leitores, através do recurso, em dupla página, à representação ampla do espaço exterior – nomeadamente o pátio do prédio onde vive – alternando com uma das divisões da casa (o seu quarto) onde as caixas ganham protagonismo. Tal acumulação possibilita sublinhar, de modo intenso, o crescimento das saudades «(...) de brincar com os amigos, de ouvir os passarinhos chilrear nas macieiras e de apanhar coisas para o seu frasco de tesouros» [20]. O abandono dos lugares da infância representados e enfatizados através do espaço fechado que lhe deu lugar, contrasta com um breve germinar de esperança configurado no alinhamento de tais tesouros, no parapeito da janela: pequenas folhas, raminhos de árvores, uma bolota, etc., simbolizando o valor da natureza e concedendo-lhe estatuto de grandeza. Nos pormenores plasmados na ilustração reverbera, ainda, por tal via, a importância do brincar. Como sublinha Mia Couto

«O que fazemos quando brincamos é criar vínculos com os outros e com o mundo. Talvez seja por isso que brincar seja tão essencial como dormir, comer ou respirar» [21].

O fechamento do espaço interior torna-se, pois, matéria-prima de acolhimento do repensar da residência da infância enquanto espaço onde também pode correr livremente a imaginação e o sonho – apesar de todos os desafios que possam estar envolvidos em tal demanda.

A capacidade infinita de metamorfose do espaço exterior como potenciador do brincar enquanto condição primordial do exercício de cidadania da criança é, por seu turno, traduzida através dos desenhos feitos por Ema no pavimento do pátio do prédio onde habita. A dupla página onde tais desenhos se inscrevem é tela maior do transbordar do espaço sonhado por Ema – eivado de flores, uma abelha, uma libelinha, um besouro, etc., em belo hino à natureza que ali fica esculpida. Repousa, assim, de modo gentil nas mãos dos leitores e ganha lugar cativo nos seus olhos. Reaprendem, pois, que «(...) a poesia é um outro modo de designar a Vida» [22]. Tal é, aliás, frisado pela repetição do traço de Ema nas caixas que inundam o seu quarto: cada uma delas oferece um tesouro aos leitores, já que Ema as usa como pequenas telas onde eclode a natureza, desenhando árvores de fruto, pássaros, flores, relva, erguendo um cenário que possibilite recriar um piquenique – desmoronado, porém, a breve trecho, pois «(...) a macieira caiu e as margaridas desapareceram» [23]. O caráter persistente do germinar da natureza bem como o cuidado que lhe deve estar inerente, dão lugar, numa segunda instância, à tentativa de redescoberta de um caminho novo que Ema avista da janela.

Se, em primeiro lugar, as ilustrações possibilitaram vincar a importância do eclodir da natureza na cidade sublinhando o seu caráter primordial como condição da espacialidade humana, em segundo lugar, as páginas do livro transformam-se em mapa inusitado que exige a colaboração, ativa, dos leitores.

É reconhecido que «As práticas de caminhar influenciam os padrões e a relação que temos com a cidade» [24]. A caminhada de Ema reconstroi, pois, o mapa da cidade, com o foco de atenção ancorado em alguns pontos de referência: uma ponte, vários prédios e, finalmente, a chegada a um parque (vazio) mas onde encontra um «passarinho do campo».

O reencontro dos leitores com o jardim que os acolhera na capa do livro, mantendo a sua condição inicial de fechamento, dá-se por intermédio do seguimento do voo do passarinho. A importância da atenção ao pormenor fica patente através da descoberta, por parte de Ema, de um pedacinho de jardim que irrompe dos limites da moldura metálica que o contém. O caráter regenerador da natureza revela-se em gestos de persistência que se alongam no desfecho inacabado da narrativa, de diversos modos. Por um lado, o caminho de regresso a casa ganha novos contornos, transformado pelo olhar de Ema – e a ponte avistada, antes vazia, abre-se em ampla luz na página simples (aí se vislumbrando uma menina a alimentar uma família de patos e um cisne que habitam no rio).

O pedacinho de jardim, colocado num frasco pequeno, germina

de modo vivaz e permite expandir o compromisso de harmonia com a natureza (demandado, com persistência, a partir do momento em que os leitores agasalham o livro nas suas mãos). Acompanhada de outros meninos, Ema reconstrói o jardim perdido, avivando esperanças. E, a opção pela página simples que encerra, provisoriamente, a narrativa, possibilita aos leitores mergulhar num jardim que reverdece não só no pátio dos prédios – onde as crianças brincam livremente – mas também transborda das janelas das casas, antes fechadas.

O valor da amizade, a solidariedade, a empatia e a resiliência redimensionam-se aos olhos dos leitores e reinscrevem, finalmente, a natureza, na cidade e no coração.

3. Considerações Finais

No belo e imenso livro *Os Pássaros* é-nos dado a ler o seguinte: «Não há, de resto, maior tesouro do que as pequenas coisas. Basta uma para tornar mais rico cada instante. Basta uma para mudar o mundo» [25]. *O Jardim* dá testemunho de que tal acontece. As leituras que oferece reconstróem mundos. Nesse sentido, múltiplas ilações podem ser retiradas dos caminhos erguidos nesta reflexão. Cidade e natureza ganham alentos tecidos de múltiplas dimensões que concorrem para o seu repensar, alimentado pela delicada poesia que reverbera nas ilustrações, multiplicando olhares que instigam profunda empatia.

Através do percurso realizado, foi possível inferirmos o carácter único das possibilidades inerentes à ação de cada um para o compromisso com o bem comum. Os desafios que lhe estão inerentes, plasmados no itinerário levado a cabo pela personagem principal, Ema, põem a nu modos delicados de resiliência que prosperam ao longo da leitura e desaguam na comunhão com a natureza.

No renascer das ilustrações entrelaçadas, harmoniosamente, na narrativa, cresce o respeito pelo cuidar da cidade, do Outro e da natureza, em sinergias de rara beleza. A fragilidade da menina contrasta com as ações que realiza, em percurso autónomo que permite uma reflexão mais alargada sobre a importância de escutar a criança, proporcionando-lhe espaços de vivência plena do brincar, implicados em modos de estar no mundo que requerem generosidade.

A aprendizagem do sonho é velada, ao longo do livro, pelas opções cromáticas que se demoram na ilustração. A cor verde dá voz à esperança que se redimensiona nos espaços desenhados e que adquire matizes de luz no fundo branco da página ou na breve tranquilidade do céu e do rio que atravessam a cidade.

Este livro sustenta uma experiência de leitura invulgar, pela delicadeza e extraordinária ternura que reverbera no traço da autora/ilustradora que leva pela mão uma criança em cujo olhar e mãos repousa um compromisso com a ação individual que se faz global, em serenas pausas que as páginas desferem. Nesse sentido, dá a ler a imensa relevância de acarinhar o que é dado a guardar, lembrando que: «Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Em cofre não se guarda coisa alguma. Em cofre perde-se a coisa à vista. Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la

por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado» [26]. No rasto de tal luz ressoam os percursos da ilustração que reinscrevem a natureza na cidade e posicionam os cidadãos no mundo global, de modo indelével.

A reflexão levada a cabo, possibilitou, também, pôr a descoberto redefinições da saudade – em suave (en)canto – promovendo empatia com os leitores, gesto que se requer veloz e que abre espaços de leitura norteadores de modos de ser, em futuros a reconstruir que crescem em telas onde o cuidado reverbera.

Referências

1. Walker, A: *O Jardim*. Amadora: Fábula (2021).
2. Simpson, A.: *The Use of Children's Literature in Education*. London: Routledge (2016).
3. Ommundsen, A. M., Haaland, G. & Kümmering-Meibauer, B. (Eds.) *Exploring Challenging Picturebooks in Education*. London: Routledge (2021).
4. Silva, S. R. da: *Clássicos da Literatura Infantojuvenil em Formato(s) de Livro-Álbum*. Braga: Universidade do Minho (2020).
5. Ramos, A. M.: Hibridismos e Contaminações: a Propósito do Livro-Álbum como Formato Omnívoro. In P.A. Pereira, E. Madalena & I. Costa (eds.) *Mix & Match. Poéticas do Hibridismo* (pp. 173-194). Braga: Húmus (2020).
6. UNESCO: *Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Paris: UNESCO (2017).
7. Saramago, J.: *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 27.^a edição. Porto: Porto Editora (2021).
8. UNESCO: *Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Paris: UNESCO (2017).
9. UNESCO: *Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Paris: UNESCO (2017).
10. UNESCO: *Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Paris: UNESCO (2017).
11. UNESCO: *Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Paris: UNESCO (2017).
12. UNESCO: *Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Paris: UNESCO (2017).
13. UNESCO: *Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Paris: UNESCO (2017).
14. Walker, A: *O Jardim*. Amadora: Fábula (2021).
15. Zullo, G.: *Os Pássaros*. Lisboa: Orfeu Negro (2020).
16. Barros, M.: *Poesia Completa*. Lisboa: Relógio D'Água (2016).
17. Paz, O.: *O Arco e a Lira*, 2.^a edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
18. Walker, A: *O Jardim*. Amadora: Fábula (2021).
19. Walker, A: *O Jardim*. Amadora: Fábula (2021).
20. Walker, A: *O Jardim*. Amadora: Fábula (2021).
21. Couto, M.: *O Universo num Grão de Areia*. Lisboa: Caminho (2019).
22. Couto, M.: *O Universo num Grão de Areia*. Lisboa: Caminho (2019).
23. Walker, A: *O Jardim*. Amadora: Fábula (2021).
24. Antunes, R. F. & Coelho, S. P. Sobre Caminhar em Confinamento. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 8 (1), 155-173 (2021).
25. Zullo, G.: *Os Pássaros*. Lisboa: Orfeu Negro (2020).
26. Cícero, A.: *Guardar. A Cidade e os Livros*. Porventura. Lisboa: INCM (2020)